

# Sumário

Entre o Prazer e o Abismo .....	1
Sombras da Traição.....	12
Entre Covas e Promessas .....	21
A Consequência da Escolha.....	27
O Preço da Liberdade.....	34
Além do Véu .....	43
Névoas e Revelações.....	53
A Escolhida de Padilha .....	59
A Alcova dos Excluídos.....	69
O Corpo na Rua, a Alma no Castelo.....	76
A Filha que Não Deveria Ser .....	90
Entre Portais e Plasmas.....	98
Guerra Silenciosa .....	105
A Aliança de Kumba.....	114
Entre a Ordem e o Caos .....	120
A Fé e o Desejo.....	131
Um Novo Amanhecer .....	138
O Despertar da Alma Antiga.....	146
Acolhimento, Resistência e Poder .....	158
O Chamado dos Reinos.....	169
O Canto dos Ancestrais.....	178
A Sombra da Cabana: O Ritual da Dor.....	188
O Sepulcro das Rosas Negras .....	192

A Encruzilhada Final .....	199
----------------------------	-----

## Entre o Prazer e o Abismo

Um homem exausto e consumido pela amargura aproximou-se de uma estalagem que avistara na esquina. Antes que pudesse pronunciar qualquer palavra, um sujeito à porta lhe lançou um sorriso enigmático e o convidou a entrar. Hesitante, Joaquim se aproximou, e por entre os batentes da entrada teve um vislumbre do interior.

A construção era peculiar: paredes de pedras empilhadas com precisão, torres que se erguiam como prolongamentos da estrutura principal, uma porta imponente de madeira maciça e janelas adornadas com cortinas de tecido fino em tom rubro. Tapetes felpudos cobriam o chão, abafando os passos, e a iluminação era escassa, criando sombras que dançavam nas paredes.

As mulheres que saíam dali vestiam-se com requinte, embora de gosto duvidoso. Trajavam roupas provocantes, decotes generosos e pernas à mostra. Em um bairro de aparente tradição, aquele contraste incomodava profundamente Joaquim — um homem de princípios rígidos, que jamais frequentara lugares como aquele, embora já tivesse ouvido rumores.

Os olhares das mulheres pousaram sobre ele, e em seus lábios surgiram sorrisos disfarçados, quase zombeteiros. Joaquim sentiu o sangue ferver.

— *Como podem essas mulheres vulgares debochar de mim?* — pensou, irritado. — Talvez saibam o que aconteceu...

Envergonhado, Joaquim baixou a cabeça. Ao perceber que se tratava de um prostíbulo disfarçado de castelo, por um instante desejou não ter aceitado o convite. Aquilo o repelia. Não

concordava com o que ali acontecia, desprezava aquelas moças e os homens que via entrar com naturalidade.

— Homens de classe estão sendo recebidos com intimidade... Devem frequentar este lugar há tempos — pensou, com um misto de indignação e perplexidade.

Mas a fome apertava, a sede lhe secava a garganta, e a dor nas costas persistia. Seu estado físico o obrigou a engolir seco seus julgamentos e os valores que carregava desde sempre. Hesitou por um momento, mas enfim cedeu. Caminhou até a porta, como quem se rende não por vontade, mas por necessidade.

Um homem era expulso com brutalidade. Um dos guardas, tomado pela fúria, esbravejava que ele havia ofendido a casa, apontando um cajado ameaçador em sua direção, como se quisesse fulminá-lo ali mesmo. Joaquim observava a cena com inquietação. Por um instante, acreditou estar diante do próprio inferno — mas recusava-se a admitir que fora suas atitudes que o conduziram até ali.

Ainda assim, uma voz sussurrava em sua consciência: Deus tudo vê e tudo sabe. Talvez merecesse arder em fogo, pois foi Ele quem o enviara para aquele lugar.

Enquanto se afundava em culpa e pensamentos tortuosos, uma voz suave e encantadora começou a ecoar do interior do Castelo. Era um canto etéreo, envolvente, que parecia atravessar as paredes e tocar diretamente sua alma. Joaquim ficou inebriado. Maravilhado, seus pés se moveram sem que os percebesse, e ele adentrou o salão, guiado pelo som daquela voz celestial.

Venha e sinta seu corpo pulsar,  
A festa te chama, é hora de dançar.  
Belas damas com risos a brilhar,  
Neste lugar, o amor vai te encontrar.

As luzes piscando, o som a tocar,  
Corpos se movendo, tudo a encantar.  
O calor da paixão no ar a flutuar,  
Neste mundo encantado, vamos nos amar.

Liberdade é a dança, é a conexão,  
Deixe o coração guiar sua ação.  
Na batida do amor, venha se achar,  
Nessa festa, meu bem, tudo acontecerá!

Com prazeres que vão te saciar,  
Mas cuidado, rapaz, você não vai mandar.  
No ritmo da noite, deixe-se levar,  
Aqui é só sentir, vem se entregar!

O canto o fez esquecer a dor, a fome e a sede. Todas as mazelas que o consumiam desapareceram como névoa ao sol, e uma alegria estranha, quase anestesiante, tomou conta de seu ser. Era um canto triste, carregado de desamor, mas entoadado com um sorriso nos lábios — como se a dor tivesse sido transformada em beleza.

No fundo do salão, em um lugar mais alto, estava uma mulher. Sua presença dominava o ambiente. Vestia roupas brilhantes em tons de vermelho e negro, adornadas com rendas finas e luxuosas. Os cabelos, perfeitamente arrumados, eram tão escuros quanto seus olhos, que pareciam enxergar além da carne. Grandes brincos dourados pendiam de suas orelhas, e o batom vermelho destacava seus lábios como uma marca de poder. Nas

mãos, luvas negras seguravam uma cigarrilha que soltava uma fumaça lenta e sinuosa.

Joaquim, em êxtase diante daquela imagem, sentou-se em uma poltrona próxima. Já não ouvia murmúrios, nem passos, nem vozes — apenas aquele canto, que o envolvia como um véu e o fazia entrar em transe.

Foi então que uma das mulheres do Castelo se aproximou, sentou-se em seu colo com naturalidade e disse, com um sorriso encantador:

— Sou Maria. Parece desanimado, Joaquim... Vou resolver isso.

Ao ouvir seu nome, Joaquim ergueu os olhos e fitou o rosto da mulher, tentando reconhecê-la. Mas não havia em sua memória lembrança de tamanha beleza. Sentiu-se preso àquela poltrona — não por força física, mas por algo mais profundo, como se sua vontade estivesse sendo suavemente domada. O medo de estar amarrado misturava-se a uma sensação de prazer que o invadia sem aviso.

Maria aproximou os lábios dos dele, e Joaquim sentiu a maior onda de prazer que já experimentara em toda a sua vida. Mas, antes que pudesse tocá-la, antes que seus lábios se encontrassem, a consciência lhe escapou como areia entre os dedos.

Um grande murmurinho o despertou de um sono profundo. Aos poucos, tentou abrir os olhos, mas as pálpebras pesavam, e a visão ainda era turva. Perguntava-se se o haviam drogado enquanto dormia. Sentia-se estranho, como se o tempo tivesse passado de forma irregular. Percebeu então que já não havia peso algum em seu colo. Com a visão ainda embaçada, procurou por Maria — mas ela não estava ali.

A iluminação no salão era fraca, quase sombria. Homens se acomodavam em sofás e poltronas dignas dos mais renomados salões sociais — móveis antigos, luxuosos, que exalavam uma elegância decadente. Pediam suas bebidas com naturalidade, fumavam charutos espessos e trocavam cumprimentos calorosos, sorrindo com uma alegria inquietante no olhar. Estavam afoitos, como se esperassem por algo grandioso naquela noite.

Os olhares se voltaram para Joaquim. Observavam-no com curiosidade, tentando adivinhar o que ele buscava ali. Sorrisos maliciosos surgiam em seus rostos, como se identificassem com a promiscuidade que também os havia levado àquele lugar. Joaquim baixou a cabeça, sentindo o rosto corar.

Foi então que ouviu uma voz forte e imponente atrás de sua poltrona. Virou-se instintivamente — e paralisou. Diante dele estava um homem de porte impressionante, vestido com terno e cartola. Mas seu rosto exibia grandes presas, e de sua cabeça brotavam chifres retorcidos. Apoiado em pernas arqueadas, semelhantes às de um bode, exalava uma presença demoníaca.

Joaquim lutou contra a paralisia. O medo de ser percebido lhe deu forças para se recompor e sentar-se novamente. Olhou ao redor, e o que viu o aterrorizou: as figuras que antes pareciam humanas agora revelavam formas grotescas, distorcidas, monstruosas. A música que o havia distraído já não tocava — e ele compreendeu, com um calafrio, que estava em um covil de criaturas sombrias. Sua vida, ali, estava em risco.

O cheiro de perfume doce, misturado ao álcool e à fumaça dos charutos, trouxe à boca de Joaquim o gosto amargo do vômito. Tonto, nauseado, virou-se com esforço e caminhou até a grande porta de madeira. Empurrou-a com dificuldade e saiu.

Ainda nos degraus da saída, o guarda o observava com um sorriso torto. Após uma gargalhada alta e debochada, disse:

— Achou o que veio procurar no Castelo das Marias?

Joaquim, mesmo com as pernas bambas, tentou correr o máximo que pôde. O guarda, já ao longe, gritou:

— Fique tranquilo, senhor... de fome não vai morrer!

O horário já estava avançado, e a noite se infiltrava em sua alma como tristeza e angústia. Joaquim esforçava-se para manter a atenção naquele lugar, mas o cansaço o dominava. Seus olhos, já pesados, começavam a revelar horrores: patas de animais surgiam sob as capas dos homens de terno, caveiras caminhavam tranquilamente pela calçada, e feras bípedes eram arrastadas por homens que empunhavam enormes forquilhas.

As mulheres, com pouca roupa, divertiam-se livremente por ali. Joaquim não imaginava que a presença daquelas mulheres fosse permitida entre pessoas tão distintas. Uma bela mulher, com os seios à mostra, cumprimentava cordialmente uma senhora que passava com os ossos da face expostos. A cena era absurda, mas ele decidiu agir com normalidade, tentando não chamar atenção.

Caminhando pela rua com o rosto voltado para o chão, Joaquim se sentou para descansar por um momento. Olhou ao redor, tentando compreender onde estava. As ruas eram de pedra, e a iluminação vinha de postes que exalavam o cheiro forte de querosene. Nunca havia visto aquele lugar. Pensou estar em um bairro antigo, e ao avistar pessoas com roupas antiquadas, reforçou sua tese: talvez estivesse em uma região esquecida, habitada por velhos que se recusavam a abandonar o passado.

— O que eles têm de bom no passado que torna tão difícil seguir em frente? — murmurou Joaquim, com o olhar perdido. — Deixar para trás as angústias e decepções vividas é tudo que mais desejo. Reviver o passado... é para quem gosta de sofrer. Quanto será que andei até parar aqui?



O movimento ao redor era intenso. Carruagens e carroças cruzavam as ruas de pedra, enquanto homens e mulheres circulavam em busca de diversão nos bares e nas mesas de jogos, de onde vinham gargalhadas estrondosas e música animada. Joaquim observava tudo com estranhamento. Nunca frequentara lugares assim — desprezava o divertimento impuro. A luxúria, segundo sua fé, era a porta para todos os outros pecados.

Ainda assim, pensou: Se não estivesse tão cansado... talvez entrasse. Talvez se deixasse levar, só por uma noite, para esquecer as frustrações que ainda doíam como feridas abertas.

Seus olhos estavam vidrados na esquina. Mesmo achando inapropriado e indecente, não compreendia o que estava acontecendo com sua mente — e com seus olhos. Era como se uma força invisível o atraísse, como um grande ímã puxando alfinetes soltos sobre uma mesa de costura. Resistir parecia impossível.

Seu corpo começava a responder aos pensamentos impuros que invadiam sua mente. Um calor estranho subia por sua pele, e a rigidez do desejo se manifestava em suas calças. Joaquim fechou os olhos, tentando conter aquela sensação, mas era inevitável. Mesmo com os olhos cerrados, imagens saltavam em sua imaginação, intensas e perturbadoras.

Ficou ali, imóvel, por um longo tempo, até que alguns homens saíram do local. Eram altos e fortes, vestiam roupas requintadas como as moças — ternos bem alinhados, cartolas e capas que os protegiam do frio da noite. Alguns carregavam bengalas, mas não se apoiavam nelas; seguravam-nas como símbolos de poder, erguendo-as à frente sempre que alguém se aproximava da calçada.

Havia algo ameaçador em seus gestos. Joaquim não se atreveria a olhar novamente. Sentia que aquelas bengalas, se provocadas, poderiam cortar sua fronte e derramar sangue.

Com receio do que poderia acontecer, Joaquim pensou em voltar para casa. Mas não queria estar lá. Teria que enfrentar a decepção com sua amada, a vergonha diante da sociedade e o olhar acusador de sua família. Sua barriga já roncava, a boca estava seca, e ele não sabia o que era pior: retornar ao lar ou tentar se aproximar daqueles homens à frente da estalagem que se erguia como um castelo medieval.

Alguns homens começaram a se aproximar da esquina. Os guardas, ao reconhecê-los, deixavam de lado suas expressões carrancudas e abriam largos sorrisos, convidando-os a entrar com reverência. Joaquim ponderou: talvez não fossem tão perigosos. Talvez pudessem lhe oferecer algo para comer... ou beber.

Em meio aos pensamentos, o corpo de Joaquim cedeu. Não foi uma escolha — foi como um desmaio. As luzes ao seu redor começaram a se apagar, a visão tornou-se embaçada, e a escuridão tomou conta de sua consciência.

Despertou. As moças e os homens à sua frente já o observavam, mas, para sua surpresa, não era um olhar ameaçador — era de compaixão. Joaquim nunca havia recebido aquele tipo de olhar. Era como se sentissem pena dele. Sempre fora acostumado a ser visto com admiração, respeito, até honra. Sentiu-se humilhado.

Ainda era noite. Olhava para as casas ao redor e se intrigava com suas diferenças, mesmo estando lado a lado. Uma pequena casa de madeira tratada, simples e modesta, erguia-se ao lado de uma construção imponente, com vasto jardim bem cuidado. A grande casa exigia atenção: colunas robustas, bustos e gárgulas adornavam sua fachada, tornando-a ainda mais majestosa.

Joaquim sentia-se, por um momento, seguro. As casas pareciam pertencer a famílias tradicionais, conservadas por herdeiros que respeitavam suas raízes. Uma delas, feita de pedra,

tinha janelas abertas e velas acesas — não havia lamparinas, o que lhe dava um ar antigo e cerimonial. Mais adiante, outra casa exibia um andar superior com uma linda sacada, grandes portas e vitrais artísticos. Devia pertencer a uma família nobre. Chamava atenção pela harmonia entre o antigo e o moderno, onde homens e mulheres de classe se misturavam aos que pareciam pertencer a outro mundo.

Joaquim lembrou-se do que havia presenciado. Inconformado com a forma como o homem fora expulso da estalagem, aproximou-se com um respeitoso receio. Dirigiu-se a uma das moças que permanecia à porta e, com voz contida, perguntou o que aquele pobre homem havia feito para merecer tratamento tão severo.

Ela o olhou com serenidade e respondeu:

— Ele não respeitou as regras da casa. E aqui, elas são invioláveis.

Curioso e com um toque de ironia, Joaquim retrucou:

— Que regras são essas, que uma casa de tamanho respeito e idoneidade não permite quebrar?

A mulher sorriu, com um brilho enigmático nos olhos, e esclareceu:

— Aqui, quem manda são as moças. Não se deve tocar, nem se aproximar de nenhuma delas sem consentimento. Elas decidem o momento e a forma de se aproximar de quem aqui frequenta.

O barulho dentro da estalagem aumentou. Joaquim, movido pela curiosidade, adentrou o salão e logo percebeu a confusão. Um homem exaltado causava alvoroço. Uma das mulheres da casa, nervosa e indignada, gritava:

— Você não é digno de estar aqui! Nem as regras da casa você é capaz de respeitar!

Joaquim observava, atônito. O homem começou a mudar diante de seus olhos. Seus olhos escureceram, tornando-se como a noite sem luar. Os dedos que tentavam tocar a mulher, enquanto ela se esquivava, transformavam-se em garras animais. Sua face se desfigurava, tomada por uma expressão de raiva tão intensa que Joaquim jamais havia presenciado.

Tudo havia acontecido com rapidez, e igualmente rápida foi a aproximação de um dos guardas do salão. Um homem de porte firme, com um bastão em mãos, que ao se aproximar transformou-se em um garfo — semelhante ao tridente de Netuno. Do sofá, cordas negras emergiram como serpentes vivas, atraídas pelas mãos em garras do homem. Ao tocá-las, as cordas se enrolaram em seus pulsos, prendendo-o com força.

A capa do guardião foi lançada sobre o agressor. Em segundos, ele cessou os gritos, sua aparência monstruosa se dissolveu, e voltou à forma humana — fraco, quase desacordado. As cordas se desfizeram em névoa, e o guardião recolheu sua capa: preta por fora, vermelha por dentro. Joaquim notou que o tecido era opaco, absorvia a luz como se fosse feito da própria sombra.

A mulher à frente do homem, firme e serena, ordenou:

— Saia desta casa. E só retorne quando for honrado o suficiente para entender... e respeitar as regras.

Ainda cambaleando, o homem se levantou e caminhou em direção à porta. O guarda o seguiu, tridente em posição, pronto para impedir qualquer tentativa de desrespeito ou vingança.

A adrenalina tomou conta do corpo de Joaquim. Levantou-se rapidamente, sem entender o que havia acabado de testemunhar. Sentiu pena daquele homem, temendo que um dia

fizessem o mesmo com ele — que o transformassem em um animal. Não compreendia como uma simples tentativa de toque àquelas mulheres, que julgava vãs e levianas, poderia resultar em punição tão severa.

A imagem daquele homem humilhado por uma mulher, traído na confiança que teve, fez Joaquim se identificar. Afinal, ao chegar ali, confiara em Maria — e ela o desacordara. Imaginou o que Maria poderia ter feito com ele enquanto dormia. Teria também o transformado em um monstro?

Olhando ao redor e percebendo que a atenção de todos estava voltada ao ocorrido, Joaquim saiu assustado e sorrateiramente, aproveitando o momento em que o homem e o guarda se afastavam. Esperava não ser notado. Mas foi. Ainda assim, ninguém interveio em sua fuga.

Sentado na calçada, sentiu alívio. Percebeu que já não estava mais com fome ou sede. As dores nas costas e nos pés haviam desaparecido. Aos poucos, sua repulsa e julgamento sobre aquelas mulheres começaram a se dissolver. Observava-as à frente do castelo — lindas, sorridentes, acolhendo todos que passavam. As partes do corpo à mostra perturbavam sua mente, despertando fantasias sobre o que ainda estava encoberto.

Sem perceber, o desejo por elas aumentava. Qualquer julgamento ou desprezo que antes sentia já se esvaía de seus pensamentos. Não se recordava de ter se alimentado ou bebido água, mas devia ter acontecido, pois não estava mais sedento ou faminto. Sentiu-se muito bem quando lá esteve, pensou Joaquim..., encorajando-se a entrar novamente.

Passou muito tempo a observar, imaginando o que ainda poderia encontrar ali. Lembrou-se de sua esposa, do que ela o fizera passar. Ponderava sobre si mesmo e concluía: *Se minha mulher não me deseja mais... outras desejarão.*